



ARTES SONORAS COMO ESTRATÉGIA PARA ESTUDAR A MEMÓRIA LOCAL: O CASO DO PROJETO SOM DA MARÉ

Artur Costa Lopes (PPGM-UFRJ)¹, Marina Medeiros Cortês (PROARQ-UFRJ)²

RESUMO: O presente artigo apresenta, na visão de alunos participantes, o processo da disciplina Práticas Participativas nas Artes Sonoras, ministrada pelo professor Pedro Rebelo, que culminou no projeto Som da Maré. A metodologia é analisada sob a ótica interna, contemplando o cotidiano das aulas e oficinas, bem como a interação entre os estudantes da UFRJ, bolsistas da FAPERJ e moradores da Maré, que teve como resultado uma exposição no Museu da Maré e passeio sonoro no Aterro do Flamengo. O objetivo é demonstrar a relação entre o som e a vida quotidiana dos moradores, através de uma pesquisa participativa. Dessa maneira, coloca em questão as relações de pertencimento entre os diferentes agentes e o trabalho realizado, bem como as possíveis heranças desse processo.

Palavras-chave: Arte sonora, práticas participativas, memória.

Introdução

O projeto Som da Maré³ se apresentou como parte de uma iniciativa de arte sonora participativa que teve como objetivo articular a relação entre o som e a vida quotidiana de habitantes e moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Teve como curador e

1 Acadêmico do primeiro ano do curso de Mestrado em Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. lopes1958@hotmail.com.

2 Acadêmica do primeiro ano do curso de Doutorado em Ciência em Arquitetura do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. marinamcortes@gmail.com.

3 Disponível em <<http://sodamare.wordpress.com>> Acesso em: 24 jul. 2014.

coordenador o professor Pedro Rebelo⁴ e contou como principal base metodológica o *Sounds of the City – Belfast*⁵ (encomendado pelo *Metropolitan Art Centre*, para abertura em 2012), criado junto à participação ativa de dois grupos de moradores em *Belfast*, na Irlanda do Norte.

Nesse âmbito, o projeto teve como foco o trabalho com moradores da Maré no desenvolvimento de temas que poderiam formar a base de uma exposição de arte sonora. Utiliza métodos colaborativos, buscando garantir a horizontalidade na autoria de todo o processo, bem como do “produto final”. Portanto, o objetivo do artigo vai além de mostrar como ocorreu o processo de elaboração do projeto Som da Maré, apresenta também o seu significado para os moradores da região, na visão de integrantes desse processo participativo.

A fim de realizar desdobramentos da pesquisa em *Belfast*, o professor Pedro Rebelo em parceria com a UFRJ, no primeiro semestre de 2014, organizou uma disciplina na pós-graduação (PPAS - Práticas Participativas nas Artes Sonoras⁶). A proposta da disciplina era demonstrar o histórico dessa prática pouco desenvolvida no Brasil, através da apresentação de diferentes metodologias com premissas de uma pesquisa colaborativa. Demonstrou, também, algumas ferramentas possíveis na atualidade, que permitem que seja possível o diálogo entre memória sonora, espaço e seus agentes. Paralelo a isso, no turno da tarde, ocorriam oficinas no Museu da Maré⁷, com os alunos da UFRJ e bolsistas Jovens Talentos da FAPERJ⁸ do próprio Museu, a fim de definir quais objetos seriam mais importantes para se gerar uma exposição que apresentasse um pouco da memória sonora da comunidade.

Em resumo, o projeto contou com a participação de professores da área da música, etnomusicologia, arte e arquitetura da UFRJ, alunos da pós-graduação da Escola de Belas

4 Professor e diretor de pesquisa no *Sonic Arts Research Centre*, *Queen's University Belfast* e professor visitante sênior na UFRJ.

5 Ver: www.soundsofthecity.info.

6 A disciplina teve co-orientação dos Professores Rodrigo Cicchelli (Música) e Guto Nobrega (Belas Artes).

7 O Museu da Maré é uma iniciativa pioneira no cenário da cidade, que se propõe a ampliar o conceito museológico, para que este não fique restrito aos grupos sociais mais intelectualizados e a espaços culturais ainda pouco acessíveis à população em geral. Disponível em: <<http://museudamare.org.br>>.

8 Pré-iniciação científica destinada a estudantes do ensino médio/técnico da rede pública estadual de educação com faixa etária de 15 a 18 anos.



Artes da UFRJ, da parceria com o Museu da Maré, bolsistas FAPERJ e seus familiares, membros da Cia Marginal (companhia de teatro na Maré) e de alunos de doutorado do *Sonic Arts Research Centre*⁹.

A Maré é hoje um bairro, formado por 15 comunidades. Entretanto, das 15 localidades reunidas sob a designação de bairro, 12 estão situadas na área conhecida como Favela da Maré. Dessa forma, é um agrupamento de favelas e conjuntos habitacionais na zona norte da cidade, assim chamada por causa dos mangues e praias que dominavam sua paisagem. A região margeia a Baía de Guanabara e se localiza entre importantes vias expressas que cortam a cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela (SILVA, 2006).

Com mais de 140 mil habitantes, a Maré desenvolveu a sua própria dinâmica cultural que se relaciona com o resto da cidade de formas complexas e por vezes problemáticas. Os diferentes processos de ocupação, a violência e as inúmeras modificações operadas pelo poder público na geografia da região, são fatores que geraram obstáculos à constituição da Maré enquanto um “lugar de memória” (NORA, 1993), onde as diferentes identidades e as inúmeras memórias dos moradores pudessem encontrar um ancoradouro, mas que não impediu a seus moradores desenvolver uma identidade com o lugar (SILVA, 2006).

A região já dispõe de diferentes trabalhos acadêmicos em diversas áreas de conhecimento, onde se destaca a atuação do grupo de pesquisas Musicultura¹⁰. Esse grupo

9 Os agentes colaboradores para processo foram: Alan da Silva Lira, Aline Pereira Macário, Aline de Moura, Artur Costa Lopes, Danilo Andrade, Everton Ramos, Geandra Nobre, Jaqueline Alves, Jaqueline Andrade, Jeferson Luciano Gaspar Mesquita, Joyce Rodrigues de Oliveira, Larissa Paredes, Matheus Frazão de Almeida Silva, Matilde Meireles, Marco Aurélio Damaceno, Mariluci Nascimento, Marina Cortês, Natália Chaves Bruno, Phellipe Azevedo, Priscilla Monteiro, Raíza Barros Nascimento, Rodrigo Furman, Rodrigo Souza, Sebastian Wiedemann, Tullis Rennie, Wagner Belo de Siqueira, Wallace Lino, Antônio Carlos Pinto Vieira, Claudia Rose Ribeiro da Silva, Guto Nóbrega, Grupo Musicultura, Lygia Niemeyer, Marli Damascena, Miriane da Costa Peregrino, Rodrigo Cicchelli Velloso, Samuel Araújo, Terezinha Normandes. Com o apoio institucional da UFRJ: Escola de Belas Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música.

10 Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=ubsaPWcM67Q>

estuda a sonoridade da Maré, de forma que os moradores se redefinem como sujeitos históricos, se auto-pesquisam e produzem documentos textuais, sonoros e audiovisuais que apontam para questões como a regulação da vida pelo mercado, o drama da exclusão social e a banalização da vida cotidiana, como pode ser visto no artigo escrito por Araújo et al. (2006).

Os principais referenciais teóricos para a análise sobre o processo foram os livros e textos estudados durante a disciplina PPAS. Dentre eles, destacam-se “*Voices of tyranny*” e “*The Soundscape*”, de Raymond Murray Schafer (1993; 1994), além de “*Acoustic Territories*”, de Brandon Labelle (2006). Com esse embasamento das aulas, observamos, tanto na teoria, quanto na prática, como é possível contextualizar a paisagem sonora, para que a mesma não se torne apenas algo ilustrativo, mas a “principal atração” (INGOLD, 2007). Dessa forma, apresenta o som como o sentido mais importante, mesmo tendo analisado alguns estudos que comprovam que a receptividade pode ser subjetiva e seletiva (WISNIK, 1989; ADORNO, 1994; SCHAFFER, 1993).

Dessa forma alguns questionamentos motivaram o presente artigo: De que maneira uma pesquisa participativa pode ter importância para a memória sonora de uma região? Quais as possibilidades de métodos que podem ser utilizados para uma pesquisa colaborativa? Como se dá, num processo horizontal, a interação entre pessoas de diferentes realidades para promover uma pesquisa sobre uma localidade?

O processo das aulas e oficinas

É importante frisar que num dado momento a disciplina ministrada na (EBA) Escola de Belas Artes da UFRJ e as oficinas ocorridas no Museu da Maré se transformaram em uma só atividade, não podendo ser separadas, visto que uma dependia da outra. Além disso, todos os exercícios estiveram intimamente ligados com a confecção da exposição.

No início, as atividades, tanto na EBA como no Museu, estavam restritas a conhecimentos históricos sobre diferentes realidades das artes sonoras e conhecimentos técnicos sobre sistemas de gravações e edições de áudio, com o programa *Audacity*¹¹. Depois, foram realizados outros exercícios de ordem mais prática, relacionados à questão da memória,

¹¹ Programa gratuito sob a licença GNU *General Public License*, que permite editar, gravar, importar e exportar diversos formatos diferentes de arquivos de áudio.



principalmente no que diz respeito à memória sonora. Nesse caso, três atividades se destacaram: memórias sonoras e gastronômicas, diário sonoro e o mapeamento de sons.

As memórias sonoras se apresentaram estimuladas através da execução da recordação de algum som de infância e, posteriormente, de alguma lembrança gastronômica, onde os alunos levavam tal comida para apresentar a significação que teve em sua vida.

O diário sonoro foi um exercício que tinha como objetivo estimular a percepção dos sons do cotidiano, que muitas vezes podem passar despercebidos. Porém, quando são apresentados de forma literária, por exemplo, ganham outro valor, como vemos no diário sonoro do aluno Marco Aurélio Damaceno¹²:

ENXURRADA: BANHO DE CHUVA

Pingos de chuva sussurram no telhado. Vai-se somando infinitamente a densidade que explicita o crescimento e a maturidade dos pingos. Eles rapidamente se transformam em uma torrente de água, anunciando um som que transborda e escorre das telhas de cerâmica se arrastando até a bica. Logo depois a água jorra da boca da bica. Embaixo dela, um grupo de crianças disputa um lugar, parecendo cachorros vira-lata disputando uma fêmea no cio. Cada um vai ter a sua vez, mas todos querem desfrutar do devaneio da torrente de água caindo sobre suas cabeças e se arrastando sobre seus corpos. Esta imagem, da água da chuva saindo da bica e inundando o meu corpo quando criança é recorrente lembrança da minha infância. (SOM DA MARÉ, 2014).

Para o exercício do mapeamento sonoro, a intenção era identificar em um espaço, através de exercício de escuta, as diversas fontes sonoras, indicando esses sons em uma folha de papel. Com isso, é possível realizar uma reflexão sobre a relação espaço-som e formas gráficas de anotar o som. Dessa forma, mostrou-se como outra importante atividade para compreender melhor a localização, ou seja, origem dos sons.

¹² Artista visual, pesquisador e professor na UFPB. Atualmente é aluno do Doutorado em Artes Visuais no PPGAV/UFRJ.

Primeiramente foi realizado um treino com os alunos da pós-graduação no Prédio da reitoria da UFRJ, dividindo-os em grupos de dois ou três integrantes, onde anotavam, através de livre código, todos os sons que ouviam no ambiente. Depois, o mesmo foi realizado no Museu da Maré, com o grupo dos bolsistas FAPRJ. Porém a atividade se mostrou desenvolvida com giz no próprio chão e/ou paredes do Museu. Verificou-se que o fator tempo se mostrou o mais difícil de ser representado, visto que é bastante dinâmico, podendo ou não ser linear, o que provocou a limitação no mapa. Dessa forma, o que se registrou foi uma espécie de fotografia sonora dos sons observados em um curto intervalo de tempo.

No decorrer dessas atividades, outras foram sendo propostas, para serem aplicadas na Maré. Destacamos aqui as entrevistas com os moradores da região, a leitura de reportagens de jornais referente à Ocupação Militar¹³ e a oficina de brincadeiras.

As entrevistas ocorreram em diferentes momentos. Durante as oficinas e em alguns eventos realizados como, por exemplo, um almoço feito no domingo (23 de março de 2014), a fim de integrar os participantes do projeto, amigos e familiares. Nesse dia chuvoso, também foi aproveitado para gravar o som da chuva, tema bastante presente na memória da Maré e de grande importância para a exposição. As entrevistas também ocorreram em visitas nas casas de alguns moradores, além do material sonoro gravado pelos próprios bolsistas, no decorrer das suas atividades diárias, que de acordo com as suas concepções, tinham algum significado em suas vidas.

A atividade intitulada *Oficinas de brincar* foi fruto da organização de um grupo de alunos¹⁴ da disciplina, a fim de ser realizada com os bolsistas do Museu. Mostrou-se planejada a partir da percepção do grupo com relação às brincadeiras que eram comentadas nas entrevistas, visto que estavam muito presentes tanto nas lembranças do passado como no cotidiano atual dessas pessoas. No decorrer das dinâmicas foram observadas as diferentes sonoridades que poderiam gerar, fato que forneceu vasto material para o passeio sonoro.

13 Durante o desenvolvimento do projeto Som da Maré, ocorreu uma Ocupação Militar na região, conforme informa reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/ocupacao-militar-na-mare-rio-tera-27-mil-homens-para-substituir-pm.html>> Acesso em 24 jul. 2014.

14 Organizadores da Oficina de Brincar: Marina Cortês, Larissa Paredes; Marco Aurélio Damasceno e Natália Bruno.

Com grande acervo de entrevistas e relatórios de sons que teriam bastante significado para muitos moradores da região foi construído um mapa (Figura 1) que apontava para onde poderia ser direcionada e quais sons poderiam ser extraídos para a exposição, visto que a mesma não teria como contemplar todo o material coletado.

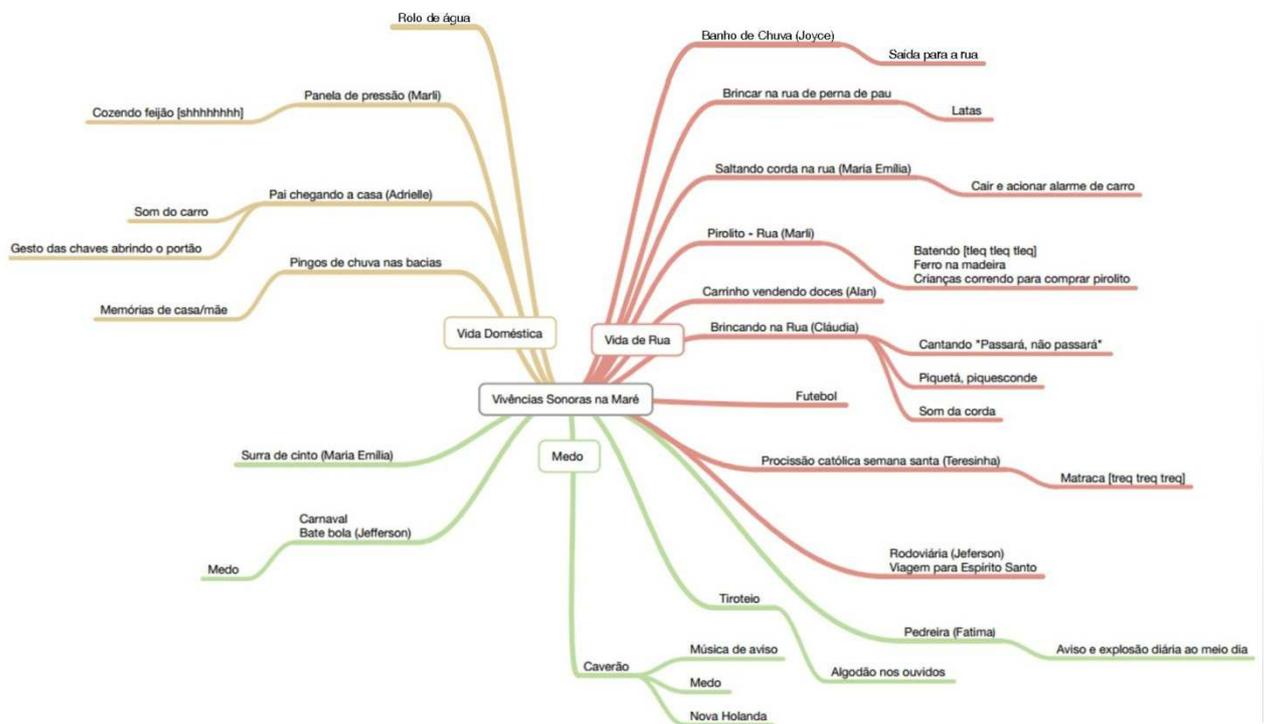


Figura 1. Mapa de vivências sonoras na Maré.

Fonte: <http://somedamare.files.wordpress.com/2014/04/vivc3aancias-sonoras-na-marc3a9.pdf>

Danilo Andrade¹⁵ descreve no relato abaixo um pouco da sua experiência na disciplina e destaca que passou a ter um viés mais prático no momento da montagem da exposição:

A relação do espaço com o som foi bem explorado na vivência sonora VI, resultando em desenhos sinestésicos do tipo Wassily Kandinsky e o exercício de descrição do som, no diário sonoro, me pareceu ser o melhor experimento à demonstrar que toda descrição do som vêm de reelaborações de memórias.

15 Bacharel e licenciado em Ciências biológicas pela UFPB e artista plástico neoexpressionista abstrato. Atualmente é mestrando em História das ciências e das técnicas e epistemologia da UFRJ.

Depois disso, a disciplina teve um enfoque mais prático e de trocas de experiências. Foi realizada a montagem da exposição no museu da maré e a experiência de trabalhar em grupo foi desafiadora para cada participante, como um conjunto de cordas tocando simultaneamente para a produção de um som individual. (SOM DA MARÉ, 2014).

Na visão dos autores desse artigo, o caráter prático teórico esteve presente desde a primeira até a última aula. Porém, tornou-se totalmente prático no momento da montagem. Contudo, para alguns colaboradores a teoria continuou andando lado a lado com a prática, mesmo durante a confecção da exposição.

A exposição e o passeio sonoro

A ideia original, como um dos produtos do projeto, seria realizar duas exposições paralelas em locais diferentes, no museu da Maré e no Parque Lage. Porém, por questões logísticas não foi possível a realização no parque Lage. Dessa forma, o grupo sugeriu uma terceira alternativa, que foi o desenvolvimento de um “Passeio Sonoro”, no Aterro do Flamengo.

A exposição que durou um mês, foi formada por três instalações articulando vivências sonoras, o cotidiano e reflexões sobre o futuro. As três obras utilizaram recursos sonoros, visuais e interativos que ocuparam três galerias no Museu da Maré. A exposição complementava a exposição permanente do museu “Os 12 tempos da Maré”.

A primeira galeria articulava as ambições e planos futuros de jovens moradores na Maré, através de reflexões que incluem sonhos pessoais, mas também um futuro para a comunidade. A segunda galeria partilhava um diálogo que sugere dois modos de olhar para a Maré; a vida do dia a dia e a mediatização de um evento. Demonstrava que jovens e familiares deparam-se com vivências comuns a todos nós, mas também com relatos publicados, que projetam uma Maré para o mundo exterior durante o processo de militarização.

Por fim, a terceira galeria, realçava o som da chuva, que foi uma das sensações mais fortemente relatadas durante este processo de repensar o cotidiano a partir do som. Esta vivência sonora surge na alegria de rua do banho de chuva no verão, mas também numa vertente doméstica relacionada aos telhados deixando cair gotas de água dentro de casa.



Para tal galeria, foi construída uma espécie de “passarela”, confeccionada com páletes irregulares, como forma de representar os antigos acessos às palafitas, chamadas pelos moradores de pontes, para que os participantes da exposição pudessem interagir com a obra. Na medida em que os visitantes caminhavam sobre a passarela, vibrações eram produzidas através de sensores fixos na madeira, fazendo reproduzir o som da chuva, que poderia ser mais forte ou mais fraca de acordo com a quantidade de pessoas circulando e/ou intensidade dos passos. O sinal era transmitido por um sistema de cabos que atingia o teto, fazendo emitir as gravações da chuva, projetadas através de objetos domésticos (panelas recicladas).

Para Everton Ramos esse momento remeteu a um medo que as pessoas poderiam ter na época que existiam as palafitas, por recordar aos comuns desabamentos que aconteciam principalmente em dias de tempestade. Segundo o mesmo, “além da memória sonora o projeto também traz a memória de vida dessas pessoas, o que é de muito valor” (informação verbal)¹⁶.

Como dito anteriormente, houve o interesse em realizar outra exposição no Parque Lage. Apresentaram-se discutidas diversas possibilidades de intervenções para a área externa da edificação com os administradores do espaço. Para isso, foram realizadas algumas visitas ao local, mapeamentos de espaços a serem utilizados e esboços de instalações e equipamentos possíveis de serem utilizados. Contudo, por conta da burocracia e de outros fatores essa ideia do projeto não se concretizou.

Com a desistência do Parque Lage, foi pensada em outra estratégia de intervenção utilizando a técnica do Passeio Sonoro. Essa metodologia se apresenta como uma tentativa de explorar uma forma diferente de olhar para o espaço através do som, da narrativa e do caminhar. Relaciona, assim, a audição com uma experiência no espaço ao se deslocar por um trajeto pré-definido. O Parque do Flamengo funcionou como um espaço de re-mapeamento de

¹⁶ Depoimento fornecido pelo Bolsista FAPERJ Everton Ramos para o vídeo “Por dentro do Som da Maré – Alguns depoimentos” gravado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro e publicado em 4 de junho de 2014. Disponível em: < <http://somedamare.wordpress.com/category/oficinas/> >

vivências sonoras vindas da Maré, algumas específicas aos moradores, outras também comuns a todos nós. Cada passeio era realizado em grupos de no máximo 15 pessoas, com a participação de guias formados por membros da Cia Marginal de teatro. O áudio utilizado reproduz a articulação de depoimentos, ambientes sonoros e gravações de campo. Um dos intuitos é poder transpor as barreiras sócioespaciais de uma população, transferindo as características sonoras de um local na cidade para outra configuração urbana.

Além disso, existia uma Kombi “Som da Maré”, que além de realizar propaganda sobre a exposição pela cidade, servia de ponto de encontro para a realização do passeio sonoro, no parque de estacionamento do Flamengo, perto do restaurante Porcão.

Segundo a visão de Sebastiam Wiedemann¹⁷, foi bastante visível a relação das referências utilizadas na disciplina na edição de áudio para essa etapa:

No meu caso particular, ao ter trabalhado diretamente na elaboração do passeio/paisagem sonora, foi inevitável sentir o eco do pensamento de Pierre Schaeffer e sua concepção da música concreta, e dos objetos sonoros. Ter participado na construção/composição do passeio sonoro de algum modo é ter participado na composição de uma peça de música concreta chamada Som da Maré. Além de ser para mim que venho do cinema, uma experiência próxima, onde, como François Bayle nos lembra ao definir a música acusmática, do que se trata é de captar, desenvolver e posteriormente projetar uma matéria sônica composta, como se faria na sala obscura de um cinema. Só que o cinema, são nossos próprios ouvidos, a tela vibrátil no seu interior, cinema-pela-orelha, e o projetor os fones que nos penetram com a sua projeção/propagação acústica. (SOM DA MARÉ, 2014).

E o que restou?

Mesmo com uma grande aceitação e divulgação por parte da sociedade da Maré e da mídia em geral, achamos uma pergunta ainda pertinente: Existe alguma herança deixada com esse processo?

Segundo outro morador da Maré e bolsista, Alan da Silva Lira, essa foi uma experiência inédita, que teve grande valia por já gostar de editar imagens e vídeos. Entretanto, coloca que durante as oficinas pôde aperfeiçoar seu conhecimento a respeito das técnicas de gravação e edição de sons, tendo inclusive, algumas de suas confecções sonoras presentes na exposição final do projeto (informação verbal)¹⁸.

¹⁷ Graduado em Direção cinematográfica – Universidad del Cine (2010, Argentina) e em Artes Visuais – Instituto de Bellas Artes (2005, Colômbia). Mestrando em Estudos Contemporâneos das Artes na UFF.



Por se tratar de um projeto onde não há uma autoridade etnográfica, verifica-se uma ligação ao pensamento de Vasco Uribe (2014) que afirma que é possível construir conhecimento científico válido através da parceria (ou mesmo somente fora dela) de agentes fora da academia, respeitando suas opiniões e buscando não um consenso, mas a exposição de diferentes opiniões. No mundo pós-moderno as contradições estão presentes a todo o momento e podem ser afloradas através do debate, resultando em novas metodologias e resultados inesperados. Isso pode ser claramente notado no depoimento de Jeferson Luciano:

Aprendi a gravar alguns depoimentos de algumas pessoas, guardo esse conhecimento para tentar um dia utilizá-lo ou mesmo repassar para outros (...) a participação no projeto foi legal e divertida, e ao mesmo tempo emocionante porque aprendi a dar mais atenção a sons que no dia a dia passam despercebidos (...) conheci pessoas novas que proporcionou uma enorme troca de experiências. (informação verbal).¹⁹

De acordo com a fala do Sr. Antônio Carlos Pinto Vieira (Carlinhos)²⁰ no dia da inauguração da exposição *Som da Maré*, e com os diversos encontros pré-exposição, foi proposto ao grupo estender o conceito de arte sonora para as galerias permanentes do Museu. Para isso, mostrou-se realizada uma atividade com o objetivo de amadurecer as ideias iniciais do projeto, bem como buscar soluções para as situações específicas existentes na exposição “Os 12 tempos da Maré”. Dessa forma, o diálogo com os bolsistas foi permanecido, discutindo-se as possíveis intervenções.

18 Depoimento do Bolsista FAPERJ Alan da Silva Lira para o vídeo “Por dentro do Som da Maré – Alguns depoimentos” gravado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro e publicado em 4 de junho de 2014. Disponível em: < <http://somedamare.wordpress.com/category/oficinas/> >

19 Depoimento fornecido pelo Bolsista FAPERJ Jeferson Luciano para o vídeo “Por dentro do Som da Maré – Alguns depoimentos” gravado no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro e publicado em 4 de junho de 2014. Disponível em: < <http://somedamare.wordpress.com/category/oficinas/> >

20 Graduado em Direito (UFRJ), mestre em Memória Social pela UERJ e diretor do Museu da Maré.

Inicialmente, para essa nova etapa de trabalho, foi planejada uma atividade interligando as entrevistas com uma visita guiada, pelos bolsistas. A partir disso, mostraram-se problematizadas questões referentes à como poderia tornar mais dinâmico esse trabalho que realizam com os visitantes. Sendo assim, em cada seção do Museu, algum som que remetesse àquele espaço e como o mesmo poderia ser gerado e acionado. Porém, foi notado que se todo o Museu tivesse tais características, a visita ficaria repetitiva. Então, optou-se por acrescentar estímulos de outros sentidos além da visão e audição: o olfato e o tato. Para isso, o olfato estaria presente apenas no momento em que o som fosse gerado pelo próprio visitante e/ou pelo guia, dependendo da fragilidade do material utilizado e sua proposta.

Para os processos de levantamento de sons e sua edição/transformação, seriam utilizados gravadores portáteis e edição/montagem nos *softwares Audacity e Reaper*, conforme trabalhado durante as aulas e oficinas anteriores. No maquinário de execução, poderão ser utilizados microfones/alto-falantes de contato, sensores de movimento, câmeras e objetos do cotidiano a serem definidos *a posteriori*.

Além disso, foi percebido que durante a pesquisa, seria fundamental recorrer ao mesmo método que ocorreu na montagem da exposição *Som da Maré*, ou seja, entrevistar moradores novos e antigos para (re) descobrir que sons seriam mais significativos durante a exposição, de forma a não perder o foco do Museu - que é o de trazer à tona as diversas memórias da região da Maré.

Optou-se por pesquisar na *internet* sons que poderiam auxiliar o trabalho e, também, realizar gravações em alguns locais da região, como feiras, comércio, templos religiosos, festas, ruas etc. Contudo, esse passo ainda está em andamento, tendo que haver uma iniciativa por parte do grupo para que algo se concretize.

Considerações Finais

Observa-se que a característica colaborativa do projeto não se fez presente apenas em sua elaboração, mas em todo o processo, inclusive no “resultado final”. Portanto, é interessante ressaltar que em toda construção da exposição não se buscou um autor para as obras, sendo sempre pensado em conjunto, com diversas opiniões e considerações a respeito dos temas discutidos, focando no trabalho participativo. Dessa maneira, em concordância com Samuel Araújo (2012), entende-se que as práticas participativas, ao passo que no início, podem parecer uma incógnita, durante o processo vão se desenhando.



Contudo, é importante destacar que dificuldades existem, principalmente, no que diz respeito às mudanças significativas que podem ocorrer durante o processo, como foi no caso da alteração de uma exposição fixa no Parque Laje para um passeio sonoro no Aterro do Flamengo, ou mesmo no decorrer do processo, pela *cultura do silêncio*²¹ (FREIRE, 1984). Durante o período das primeiras semanas as oficinas se mostraram com pouca intervenção dos bolsistas. Entretanto com o passar do tempo, começaram a ter mais a participação de todo o grupo e menos a do idealizador da proposta, fato que comprova a tese de Paulo Freire, quando afirma que com a curiosidade aguçada o processo de construção de conhecimento se torna mais concreto e significativo para ambas as partes (FREIRE, 1984).

Percebe-se que o resultado do projeto Som da Maré vai além da montagem de uma exposição. Fica para os moradores da comunidade a memória sonora do lugar em que vivem, os ensinamentos em relação à edição e gravação de sons, o conhecimento em se trabalhar com montagem de exposição, a aproximação e troca de experiências com pessoas de outras realidades, instituições e países. Assim, verifica-se que o mais importante foi o processo e não o resultado final, visto que esse último foi uma exposição temporária. Porém, as discussões, críticas, construções de conhecimento a partir da coletividade, dinâmicas e mesmo a própria montagem da exposição podem ser úteis para outros momentos da vida dos participantes.

Para finalizar, observamos que o projeto teve uma característica transdisciplinar (MORIN, 2001), pois além de colocar em diálogo diferentes áreas do conhecimento (arquitetura, artes sonoras, artes plásticas, música, design, neurologia e cinema), fez com que essas ideias fossem apresentadas e resignificadas pela comunidade do entorno da universidade, atravessando as barreiras da academia, visando cumprir uma função social que a arte pode ter (FREIRE, 1984).

21 Expressão cunhada por Paulo Freire ao afirmar que na construção do conhecimento em diálogo, inicialmente pode ocorrer uma monólogo, causada pela falta de curiosidade, pela timidez ou mesmo pela outra parte se achar inferior.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Teses sobre sociologia da arte*. In: COHN, Gabriel (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais nº. 54. São Paulo: Ática, 1994.

ARAÚJO, Samuel. *Dimensiones políticas del diálogo intercultural*. Patrimonios de conocimiento y luchas sociales. Universidad Federal de Río de Janeiro, 2012.

ARAÚJO, S. et al. Música e políticas públicas para a juventude: por uma nova concepção de pesquisa musical. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 16., 2006, Brasília. *Anais...* Brasília, 2006. p. 216-219. Disponível em:
<http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/02_Com_Etno/sessao03/02COM_Etno_0304-074.pdf>. Acesso em 24 jul.2014.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

MORIN, Edgar. (Dir.). *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Trad. Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, Vol. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SCHAFER, R. M. *Voices of tyranny: Temples of silence*. Studies and reflections on the contemporary soundscape. Indian River: Arcana, 1993.

_____. *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*. Rochester. VT: Destiny Books, 1994.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. *Maré: a invenção de um bairro*. (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais). Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

REBELO, Pedro et al. *SOM DA MARÉ* um projeto participativo de arte sonora. Rio de Janeiro, 2014. Blog no wordpress.com. Disponível em <<http://somedamare.wordpress.com>> Acesso em 24 jul. 2014.

INGOLD, Tim. *Against soundscape*. In: Autumn leaves: Sound and the environment in artistic practice. 2007. p. 10-13.

URIBE, Luis Guillermo Vasco. *Rethinking Fieldwork and Ethnographic*. Translated by Joanne Rappaport, Georgetown University Collaborative Anthropologies, Volume 4, 2011, p. 18-66 (Article). Colombia, 2014.

WISNIK, J. M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.